

Os nomes do *Hunsrückisch*: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração

*The names of the
Hunsrückisch: linguistic and
extralinguistic aspects of the
denomination of immigration
languages*

Jussara Maria HABEL (UFRGS)
jussarahabel@ufrgs.br

HABEL, Jussara Maria. Os nomes do *Hunsrückisch*: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 314-330, ago./dez. 2017.

Resumo: O presente trabalho analisa a autodenominação dada à língua de imigração alemã *Hunsrückisch*, em português hunsriqueano (ALTENHOFEN, 1996), pelos informantes do Projeto ALMA–Cartografias (Atlas Linguístico–Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: variação e contatos linguísticos do hunsriqueano entre o português e o espanhol, coordenado por C. Altenhofen, UFRGS, & H. Thun, Universidade CAU de Kiel, Alemanha). No banco de dados do Projeto foram registradas as variantes *Hunsrick*, *Hunsrickisch*, *Hunsbucklisch*, *Deitsch* versus *Deutsch*, *Plattdeutsch* ou simplesmente *Platt*, além de outras formas de cunho depreciativo. Trata-se de um levantamento *in vivo* de denominações da língua pelos membros de comunidades de falantes de hunsriqueano (OLIVEIRA & ALTENHOFEN, 2011). Além de identificar e cartografar as diferentes variantes para a denominação do *Hunsrückisch*, o trabalho busca analisar suas implicações para a delimitação do objeto de estudo, a percepção e significação do <nome de sua língua> para os membros da comunidade. Para isso, o presente trabalho segue o método cartográfico da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998). A (re)significação e a função sócio-histórica assumem contornos diversos, conforme mostram os resultados iniciais.

Palavras-chave: Nome da Língua. *Hunsrückisch*. Línguas de Imigração no Brasil.

Abstract: The current text analyzes the self-denomination given to the German immigration language *Hunsrückisch* (ALTENHOFEN, 1996) by the informants of the ALMA–Cartographies Project (Atlas Linguístico–Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: variação e contatos linguísticos do hunsriqueano entre o português e o espanhol), coordinated by C. Altenhofen, UFRGS, and H. Thun, CAU University of Kiel, Germany. The *Hunsrick*, *Hunsrickisch*, *Hunsbucklisch*, *Deitsch* vs. *Deutsch*, *Plattdeutsch* or simply *Platt* variants, as well as other derogatory forms, were registered in the Project database. This is an *in vivo* survey of language denominations by members of the communities from Hunsriquean speakers (OLIVEIRA & ALTENHOFEN, 2011). In addition to identifying and mapping the different variants for the *Hunsrückisch* denomination, the paper aims to analyze its implications for the delimitation of the object of study, the perception and significance of the <name of your language> for the community members. For this, the current text follows the cartographic method of the Pluridimensional and Relational Dialectology (THUN, 1998). The (re)signification and the socio–historical function take on diverse forms, as shown by the initial results.

Keywords: Language Name. *Hunsrückisch*. Immigration languages in Brazil.

Ponto de partida e relevância do tema

O presente artigo trata das autodenominações dadas pelos falantes da língua de imigração alemã conhecida pelo nome genérico de *Hunsrückisch*. Para tanto, analisaram-se os dados de 128 entrevistas realizadas pelo projeto ALMA–H (Atlas Linguístico–Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: *Hunsrückisch*)¹ em 41 localidades de pesquisa distribuídas pelo Rio Grande do Sul (RS01 a RS23), Santa Catarina (SC01 a SC06), Paraná (PR01 a PR03), Mato Grosso (MT01 a MT03), Argentina (AR01 a AR03) e Paraguai (PY01 a PY04). O projeto, coordenado por C. Altenhofen (orientador desta pesquisa) e H. Thun, faz parte da chamada trilogia rio-platense, de H. Thun, que ainda inclui o ADDU (Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay) e o ALGR (Atlas Linguístico Guaraní–Románico). O estudo da variação e dos contatos linguísticos é uma característica desses atlas que focam no modelo da dialetologia pluridimensional e contatual (cf. THUN, 1998; ALTENHOFEN, 2013b). O princípio básico desse modelo teórico consiste em combinar a variação no espaço geográfico (dimensão diatópica) com a variação social (dimensão diastrática e diageracional). Neste sentido, são realizadas quatro entrevistas em cada Ponto de Pesquisa do Projeto considerando a geração mais velha (GII: acima dos 55 anos de idade) e a geração mais jovem (GI: dos 18 aos 36 anos) com maior ou menor escolaridade (Ca: Ensino Técnico ou Superior e Cb: Ensino Básico ou Médio).

¹ Em sua fase de análise dos dados o Projeto foi registrado como ALMA–Cartografias (Atlas Linguístico–Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: variação e contatos linguísticos do hunsriqueano entre o português e o espanhol). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/projalma/>. Acesso em: 02 fev. 2017.

A denominação da língua, objeto deste trabalho, é uma das primeiras perguntas realizadas antes de iniciar as entrevistas. No questionário que é utilizado igualmente em todas as entrevistas, para garantir a comparabilidade necessária à cartografia dos dados, esta variável equivale à pergunta AIII_11.

Assim como se nomeia pessoas, lugares e objetos, também se busca nomear as línguas, o que não é tarefa simples, principalmente quando se trata de variedades linguísticas, vistas nesse contexto como “dialeto” ou “língua errada”. A diferença entre língua e variedade linguística precisa ser esclarecida antes de falarmos em nomear determinada língua. Para tanto, Coseriu (1982, p.11) afirma que um dialeto também deve ser considerado uma língua devido a sua atividade linguística, a qual possui fonemas, léxico, sintaxe e gramática. Além do mais, não há uma diferença de natureza substancial entre dialeto e língua. Enquanto a língua conseguiu um status de língua oficial, as variedades linguísticas (dialeto) são consideradas um subsistema e, muitas vezes, são utilizadas para designar uma “língua errada” ou “misturada”.

As variações linguísticas ocorrem inevitavelmente com o passar do tempo, em um determinado espaço, local onde tem diferentes estratificações e situações sociais, segundo Berruto (2010, p.226). Desta forma, também seria natural ter mais de uma língua ou variedade linguística representando um país, seja como idioma oficial ou cooficial. Neste sentido, nomear uma língua “é categorizar, fazer existir, construir. Nomear é instituir socialmente e politicamente” (AKIN, 2004, p. 4).

No Brasil, contabiliza-se um total de 56 línguas de imigração que, segundo Altenhofen (2013a, p. 106), chegaram a constituir, de algum modo, comunidades de falantes. Identificar e documentar as línguas deste grupo é importante, assim como chegar a um nome em comum e que esteja de acordo com os falantes desta língua. Portanto, segue-se a definição da língua de imigração *Hunsrückisch*, segundo Altenhofen (1996, p.27).

Trata-se de uma variedade dialetal de descendentes de imigrantes alemães, denominada pelos próprios membros da comunidade de fala de *Hunsrückisch*, também *Hunsbucklisch*, em alusão ao grupo majoritário de imigrantes oriundos da região do Hunsrück, localizada entre os rios Mosela e Reno, na Renânia Central.

O nome *Hunsrückisch* (hunsriqueano, em português, e *Hunsrickisch*², na variedade dos informantes) surgiu na literatura, como vimos acima, devido ao grande contingente de imigrantes provenientes da região do *Hunsrück*, centro-oeste da Alemanha. Esta nomeação não exclui, nem diminui os outros nomes (*Deutsch*, *Platt*, *Dialekt*, entre outros) mencionados pelos informantes.

Estas discussões, sobre as nomeações de línguas, devem envolver as comunidades de fala frequentemente, o que tem merecido cada vez mais espaço na área das políticas linguísticas. Alguns resultados provenientes de mobilizações da sociedade já podem ser vistos com o número crescente de cooficializações de línguas minoritárias no Brasil, por exemplo, através do Inventário Nacional da Diversidade Linguística³ (INDL). Do ponto de vista das políticas linguísticas, segundo Oliveira e Altenhofen (2011), torna-se muito importante a denominação da língua, pois lhe confere existência jurídica, ou seja, daria visibilidade e identidade à língua.

Os contatos linguísticos do português com as línguas de imigração alemã (ALTENHOFEN, 2013b) e demais línguas presentes no espaço brasileiro não podem ser ignorados. Este processo das línguas e variedades em contato no Brasil ainda traz dúvidas sobre a nomeação da língua por parte de seus falantes. Algumas vezes, os próprios falantes da variedade alemã não sabem como designar sua língua e acabam formulando uma designação que envolve aspectos inerentes à estrutura e constituição da língua, tais como, “alemão misturado”, “alemão quebrado” ou “alemão errado”. De fato, a variedade alemã teve influências da língua portuguesa, assim como o português teve influência das línguas indígenas e africanas no Brasil, o que são processos linguísticos naturais e que ocorrem em qualquer comunidade bilíngue ou multilíngue.

Há algum tempo, linguistas e gramáticos brasileiros também discutem a nomeação da língua que falamos no Brasil, o português. Alguns argumentam que falamos brasileiro ou o português brasileiro (ORLANDI, 2002) devido às variações e influências linguísticas ocorridas ao longo do tempo em território geográfico novo. Neste caso, muitos dos informantes do Projeto ALMA denominaram a língua oficial, ou

² Optamos em escrever *Hunsrickisch* com /i/ porque as vogais arredondadas /ö, ü, ä/ (pronunciadas respectivamente como /e, i, e/) não ocorrem na variedade da língua alemã falada no Brasil.

³ Ver mais em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>. Acesso em: 15 jan. 2017.

seja, o português, ou ainda, a língua que eles aprenderam na escola, como “brasileiro”.

São, desta forma, objetivos deste estudo: a) identificar e cartografar, com base na pergunta AIII_11 do questionário do Projeto ALMA-H, as diferentes variantes para a denominação desta língua de imigração; b) analisar suas implicações tanto para a delimitação do objeto de estudo (variedade linguística pesquisada) quanto para a sua percepção e significado para os membros da comunidade.

Uma análise preliminar dos dados mostrou que as variantes *Hunsrickisch* ou *Hunsrick* ou *Hunsbucklisch*, de um lado, e *Deutsch* ou *Deitsch* ou *Platt* de outro lado, são relativamente frequentes e se mantêm como variantes destituídas de marca social mais saliente, portanto sem conotação negativa explícita no âmbito das entrevistas do Projeto. No entanto, essas variantes vêm acompanhadas, muitas vezes, de julgamentos sociais, como em expressões do tipo *verbrochne Deutsch* ‘alemão quebrado’, ou *falsche Deutsch* ‘alemão errado’, as quais desvalorizam ou depreciam a língua minoritária, associando-a a aspectos negativos. Tais ocorrências, muito mais do que refletir aspectos inerentes à estrutura e constituição da língua, reproduzem características sociais dos falantes e de sua posição na comunidade.

Projeto ALMA–Cartografias e o método

O Projeto ALMA–Cartografias (Atlas Linguístico–Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: variação e contatos linguísticos do hunsriqueano entre o português e o espanhol) é coordenado por Cléo Altenhofen (UFRGS – Brasil) e Harald Thun (Universidade de Kiel – CAU – Alemanha) e equivale à etapa de processamento, análise e interpretação dos dados do macroprojeto ALMA-H⁴, por meio da cartografia pluridimensional. Os dados provêm, conforme já se mencionou, de um total de 128 entrevistas baseadas em um questionário, em 41 localidades de pesquisa distribuídas na Região Sul do Brasil (RS, SC e PR), no Mato Grosso (MT) e nos países que fazem fronteira com o sul do Brasil (Argentina e Paraguai).

A pergunta AIII_11, na qual se baseia o presente estudo, tem a seguinte formulação: “Que línguas o sr. / a sra. fala? Quais outras línguas conhece?” Este é, no entanto, um primeiro impulso em que se

⁴ Atlas Linguístico–contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch. Ver mais em: <http://www.ufrgs.br/projalma/>. Acesso em: 21 jan. 2017.

busca ouvir, de forma neutra, nomes de línguas presentes na vida do informante. A sua formulação completa segue a técnica em três tempos: pergunta + resposta espontânea (uso ativo), resposta por insistência e sugestão aceita (conhecimento passivo) ou não. O objetivo desta pergunta em análise é verificar como cada informante nomeia a(s) língua(s) que fala e como nomeia as línguas que existem no entorno do ponto de pesquisa.

Após a escolha da variável <denominação da língua>, foi realizada a etiquetagem, a “recortagem” e a separação da pergunta com a resposta referente à questão AIII_11 do questionário e, posteriormente, todos estes áudios foram hiperlinkados ao mapa-base do Projeto ALMA, na tabela de dados do arquivo Excel. Esta técnica de recortar e hiperlinkar os dados em áudio facilitou muito o acesso e as análises deste material, além de tornar o trabalho mais ágil e preciso, pois permite o acesso fácil ao áudio da entrevista original.

Após hiperlinkar todas as perguntas e respostas, ouvimos e transcrevemos o material para identificar variantes que denominam esta língua de imigração. Por fim, as respostas transcritas (variantes linguísticas) são inseridas no mapa, com os símbolos e a legenda pré-definida, conforme figura 01.

Fig. 01: Tabela de dados do Projeto ALMA em formato Excel: dados hiperlinkados, com os símbolos e transcrições realizadas pela autora deste trabalho.

	A	B	C	D	E	L	T	U
1		● = Q	○ = U					
2	os símbolos	● = R	○ = V					
3		● = S	○ = borran					
4		● = T	○ = O					
5		■ = g	○ = A					
6		□ = c	○ = B					
7		▲ = X	○ = C					
8		▲ = W	○ = D					
9		▲ = K	○ = E					
10	PONTO	áudio	simb.	áudio+	áudio+		F = fragen (spontane Antwort)	I = insistieren
11								
13	RS01	CaGII	●				Hunsrick / Hunsrickisch	Hochdeutsch / portugiesisch
14	São Leopoldo &	CaGI	●					
15	Novo Hamburgo	CbGII	●				(Pomeranisch) Hunsrick = Plattdeutsch	Portugües - Brasilianer
16		CbGI	●					
17	RS02	CaGII	●					Hdt in Schule / Deutsch / Hunsrickisch
18	Ivoti & Dois Irmãos	CaGI	●				Deutsch unn brasilianisch	Plattdeutsch
19		CbGII	●				Brasilianisch unn Deutsch / bissche Hdt	Hunsrickische Deutsch / Plattdeutsch / Hu
20		CbGI	●					Hunsrick - Hunsdeutsch
21	RS03	CaGII	●					
22	Três Forquilhas &	CaGI	●					
23	Dom Pedro de Alcântara	CbGII	●					
24		CbGI	●					
25	RS04	CaGII	●				Hunsrick	
26	Santa Maria do Herval	CaGI	●				Deutsch	Deutsch / portugües(brasilianisch) Hunsrick
27		CbGII	●				Deutsch	Hochdeutsch / plattdeutsch
28		CbGI	●				Deutsch	Castelhonar
29	RS05	CaGII	●				Bresilianisch / Deutsch	Bresilianisch / Deutsch = Hrs unn Hun
30	Igrejinha	CaGI	●				Deutsch / Bresilianisch	Hunsrick
31		CbGII	●				Plattdeutsch / portugiesisch / Deutsch / Hunsrick	Plattdeutsch
32		CbGI	●				Deutsch / portugiesisch	unser Deutsch
33	RS06	CaGII	●				Portg / Dialekt = Deutsch = Hunsrickisch / Hochdeutsch	Plattdeutsch / Hunsrick / Dialekt

Neste estudo, seguimos os pressupostos do modelo teórico da geolinguística pluridimensional e relacional (THUN, 1998). Essa perspectiva busca correlacionar os dados da variação linguística do

hunsriqueano em diferentes dimensões de análise, valendo-se do método cartográfico (macroanálise pluridimensional) para identificar correlações entre a variável <denominação do Hunsrückisch> e fatores extralinguísticos, dando ênfase à dimensão diatópica, diastrática e diageracional, o que pode ser visualizado na tabela 01.

Tabela 01 – Dimensões do modelo teórico. Adaptado de Altenhofen (2013b, p. 32).

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	Topostática (informantes com domicílio fixo)	Pontos de inquérito do ALMA
Diastrática	Ca = “classe (socioculturalmente) alta” Cb = “classe (socioculturalmente) baixa”	Ca (formação superior parcial ou completa) Cb (até ensino médio e profissão que não exija o uso da escrita)
Diageracional	GII (geração mais velha) GI (geração mais nova)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos

Neste estudo optamos por um recorte, o qual abrange a pluralidade simultânea de informantes. Na dimensão diatópica, serão comparados os pontos de pesquisa, colônias velhas *versus* colônias novas, por exemplo. Na dimensão diastrática, podemos analisar a influência do maior acesso aos bens culturais e à escola. E, por fim, verificar na dimensão diageracional diferenças de comportamento entre a geração mais velha e a mais jovem, analisando se há indícios de mudança em curso.

Resultados prévios

Conflitos em áreas de contato linguístico

Gardès-Madray e Brès (1989, p.155) descreveram os conflitos da nomeação de línguas em situações diglósicas, em que estão em jogo uma língua considerada alta (A) e uma baixa (B), ou seja, uma língua dominante, utilizada em situações formais (na escola, por exemplo) e outra(s) dominada(s), utilizada(s) em contextos informais e restritos.

Esse tipo de cenário desenvolve os mais variados sentimentos, muitas vezes, uma mistura de amor e ódio. Para os informantes da língua materna alemã existe uma relação de afeto por ser a língua da família e que evoca lembranças boas de sua infância. Geralmente, a língua dominante, o português que eles aprenderam na escola, envolve momentos difíceis, como foi na época da proibição da língua (Era Vargas – 1930-1945), o preconceito e as punições referentes ao uso desta

variedade linguística. E esta dominação linguística por parte de uma língua nacional, nada mais é do que uma forma para efetuar a tomada de poder político, econômico e cultural (FERGUSON, 1959, p.155).

Nestas situações, percebe-se, conforme Akin (2004, p. 2), que o nome da língua estigmatizada está associado a valores naturais, e este nome seria “representado como um produto da terra e não como um produto humano culturalmente desenvolvido”. Esta valoração, muitas vezes negativa sobre a língua, reflete a problemática social do acesso restrito ao ensino da classe baixa (Cb) e aos bens culturais (ver tabela 02).

Tabela 02 – Autodenominações conforme o valor da língua⁵.

CaGII	CaGI	CbGII	CbGI
RS09: <i>verbrochne Deutsch</i> (alemão quebrado)	RS12: <i>alles dorichnanner / normale Deutsch</i> (tudo misturado / alemão normal)	RS13: <i>Heckesprach</i> (língua do mato)	RS02: <i>Hunnsdeutsch</i> (alemão-cachorro)
RS08: <i>Heckedeitsch</i> (alemão do mato)	AR02: <i>unser alemão batata</i> (nosso alemão batata)	RS13: <i>Lajeademeessisch / gebrochne Deutsch</i> (alemão quebrado)	RS05: <i>unser Deitsch</i> (nosso alemão)
RS16: <i>Lajeodisch</i> (língua de Lajeado)		RS14: <i>Hochdeutsch abrasileirado</i>	RS06: <i>Heckedeitsch</i> (alemão do mato)
RS19: <i>Heckedeitsch</i> (alemão do mato)		RS19: <i>normale Deutsch</i>	RS07: <i>dorichnanner / alemão-batata</i> (misturado)
		SC06: <i>Heckesprach / Krummbucklisch</i> (língua de mato, língua torta)	RS11: <i>Lajeademeessisch</i> (língua de Lajeado)
		PY02: <i>alemão-batata</i>	RS09: <i>Deitsch verwickelt</i> (alemão enrolado)
			RS11: <i>alles dorichnanner / verbrochne Deitsch</i> (misturado e quebrado)
			RS22: <i>Batata-Deitsch</i> (alemão-batata)
			SC05: <i>drollische Deitsch</i> (alemão misturado)
			PY04: <i>Deitsch falso</i>

Fonte: Tabela construída pela autora deste trabalho.

⁵ As transliterações feitas por nós seguem o modelo do ESCRITHU, para o *Hunsrickisch* (cf. ALTENHOFEN *et al.*, 2007).

Além da estigmatização das variedades orais, em parte, devido à ausência de um nome definido, também aparecem alguns questionamentos interligados à falta da tradição de uma escrita. Segundo o informante I2, do quadro 01, a língua não possui nome e não possui um sistema de escrita. Por fim, o informante I3 consegue nomear as línguas que fala e ainda reforça as diferenças entre estas variedades citadas. Para I3, a variedade *Platt* seria também conhecida como *Hunsrickisch*, bem mais dialetal do que a variedade falada em Santa Cruz do Sul, RS. Neste caso, o informante tem um conhecimento de mundo maior porque já residiu em diferentes cidades e já vivenciou diferentes contatos linguísticos.

Quadro 01 – Transliteração da pergunta AIII_11 do ALMA-H, no ponto RS13.

RS13_CaGII_AIII Entrevistador: E1 Informantes: I1, I2 e I3	RS13_CaGII_AIII Entrevistador: E1 Informantes: I1, I2 e I3
E1: Was sprecht ma dann hier in Santa Cruz? Wie seht ma iwer das, was ma hier sprecht? [...] I1: Was foo Sprach? [...] I2: Die hat doch kein Name, die Sprach. I1: Deutsch-Brasilianisch?! I2: Das is kein schriftlich Sprach. Das ist ein gesprochen Sprach. I3: Ich will mol was sache: wie ich nach Santa Cruz kam, da habe ich gemerick, bis Venâncio Aires hat ma das Plattdeutsch, Plattdeutsch gesprochen. Hunsrickisch!... wie da unne in Montenegro, Novo Hamburgo, unn bis Arroio do Meio, Estrela. Unn kam ich hier nach Santa Cruz, da war das Deutsche ganz anders! Hat ma hier Hochdeutsch gesprochen, so nenne ich das: <i>Hochdeutsch</i>, alemão clássico, né?! Unn sogar meine Frau, wie wir uns namoriert habe, da is sie mit, meine Eltre kennegeleant, da in Bom Princípio hann die gewohnt damals. Die hat nichts verstant von dem Deutsche dat, wo die Plattdeutsch gesprochen honn. [...]	E1: O que se fala aqui em Santa Cruz? Como se diz para o que falamos aqui (a língua)? [...] I1: Que tipo de língua? [...] I2: Esta língua não tem nome. I1: Alemão abasileirado?! I2: Esta não é nenhuma língua escrita. Esta é uma língua falada. I3: Eu quero dizer uma coisa: quando vim pra Santa Cruz, percebi que em Venâncio Aires se falava o dialeto (<i>Plattdeutsch</i>, <i>Plattdeitsch</i>), isto é, Hunsrickisch!... como se diz em Montenegro, Novo Hamburgo e até Arroio do Meio e Estrela. Quando vim pra Santa Cruz, o alemão era bem diferente. Aqui, se fala mais alemão-padrão, assim eu chamo isso, <i>Hochdeutsch</i>, alemão clássico, né?! E até minha mulher, quando eu a conheci, ela foi conhecer meus pais, lá em Bom Princípio, onde eles moravam. Ela não entendeu nada daquele tipo de alemão lá, o dialeto (<i>Plattdeitsch</i>) que eles falavam. [...]

A designação da língua do tipo *Deutsch* ou *Deitsch*, a que muitos dos informantes se referem, está ligada diretamente ao conhecimento metalinguístico dos falantes da língua de imigração alemã. Há uma percepção em relação à variação interna desta língua que é de conhecimento das comunidades de fala. Muitos informantes citam exemplos para comparar estas duas variedades e dizem que “o *Deutsch* é mais parecido com a língua padrão”, como se percebe na fala do informante I1 do quadro 02.

Quadro 02 – Transliteração da pergunta AIII_11 do ALMA no ponto RS20.

RS20_CbGII_11 Entrevistador 1: E1 Informantes 1 e 2: I1 e I2	RS20_CbGII_11 Entrevistador 1: E1 Informantes 1 e 2: I1 e I2
E1: Was foo Sproche sprecht dea? I1 e I2: Deutsch unn Bresilionisch. E1: Was foo Sott Deutsch? I1: Jah, de Hunsrick, Plattdeutsch. [...] E1: Unn hast'de mol gehert <i>Hunsbucklisch</i>? I1: Joh. E1: Senn're, wo hier soohn <i>Hunsbucklisch</i>? I1: Sinn're, wo alsamol, die soohn das foo de Spass, <i>Hunsbucklisch</i> spreche... [...] Das is, well mea Platt spreche. [...] E1: Unn das annre Deutsch, wo die Mato Queimados spreche? I1: Das ist mehr das Pommeranische, Hochdeutsch mehr so, awer mia soohn “die Euer holle gehn”, unn die saahn “mia hann die Eier gesucht”, “ich hab geputzt”, “ich hab geplicht”, saahn die. Mea soohn, “mea honn gezackert”, né, “mit die Ochse”, né. Do ist de Platt, de Hunsbucklisch. E1: Das ist dann Hochdeutsch, was geschribb is? I1: Ja, Ahã. [...] I1: Jetzt will ich dich mol was soohn: Ich war uff die alt Kolonie foo zwei Jahr... in Paverama... unne... unn do honn ich gefroht, foo bei meine Prime foohre: “Ai, du musst do nuff foohre unn dann foohst'de do nunner. Jah, so spreche die dott all. “Niwer unn riwer.”	E1: Quais línguas vocês falam? I1 e I2: Alemão e Brasileiro. E1: Que tipo de alemão? I1: Uhm, o hunsriqueano, o <i>Plattdeutsch</i>. [...] E1: E já ouviu <i>Hunsbucklisch</i>? I1: Sim. E1: Aqui tem alguns que dizem <i>Hunsbucklisch</i>? I1: Tem os que, às vezes, eles falam de brincadeira, falam <i>Hunsbucklisch</i>, [...]. Isto é porque nós falamos o dialeto (Platt). [...] E1: E aquele outro alemão que o pessoal de Mato Queimado fala? I1: Isto é mais o Pomerano, mais alemão padrão, mas nós falamos “buscar os ovos (Euer)”, e eles falam “nós procuramos os ovos (Eier)”, “eu capinei”, “eu lavrei (geplicht)”, assim eles falam. Nós falamos que “lavramos (honn gezackert)”, “com os bois”, né. Isto é o dialeto (Platt), o Hunsbucklisch. E1: Isto então é o alemão padrão, o que é escrito? I1: Sim, ahã. [...] I1: Agora, quero te contar uma coisa: há dois anos eu estive na colônia velha, lá em baixo, em Paverama, e perguntei como chegar na minha prima: “Ora, tu precisa subir aqui (<i>nuff</i>) e depois lá para baixo (<i>nunner</i>).” Pois é, assim eles falam lá. “Pra lá e pra cá” (<i>Niwer unn riwer</i>).

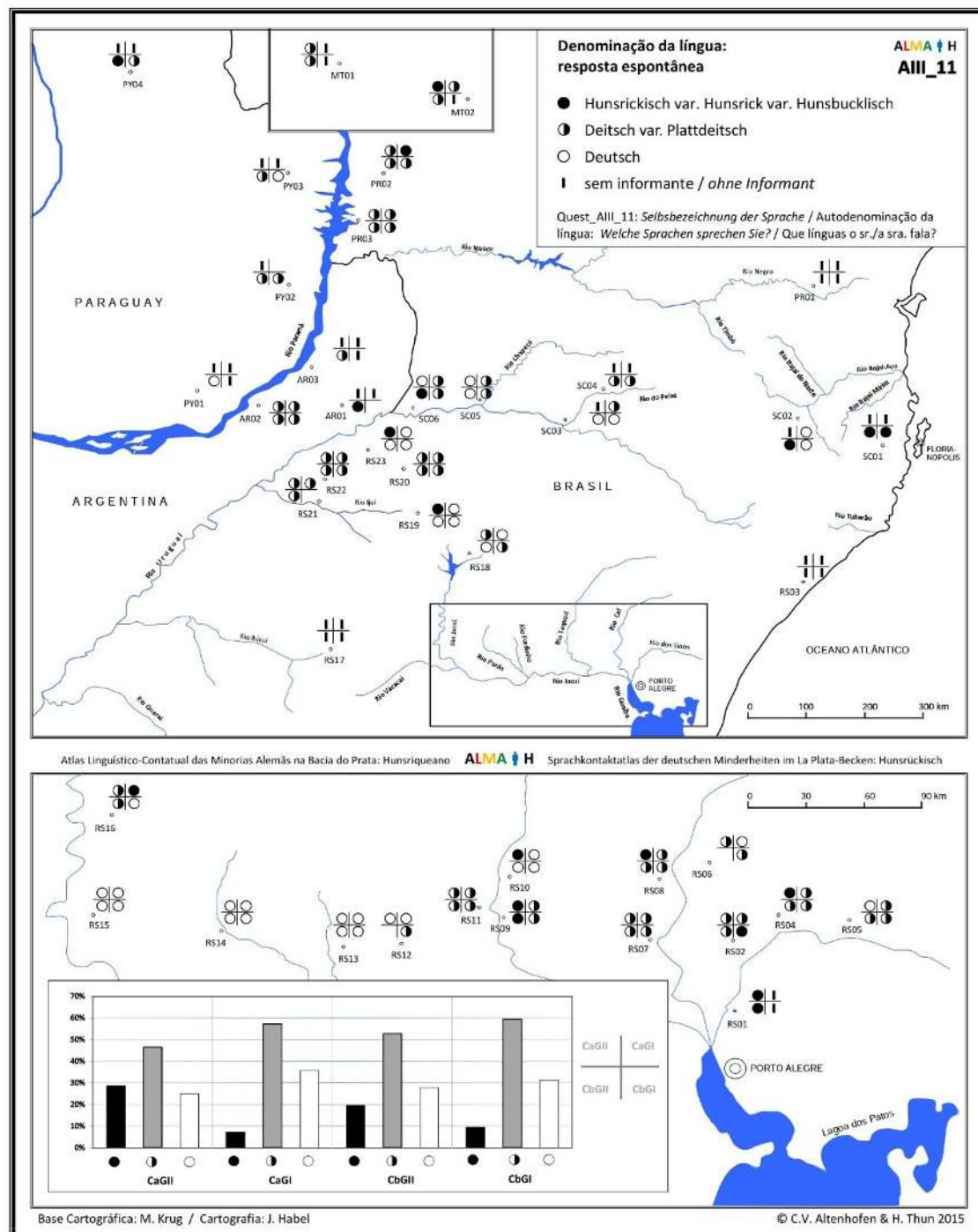
No estudo de Altenhofen (1996), foram analisados três grupos de variantes dialetais, os quais se diferenciavam pelos traços [+ moselano], [+ renano] e [+ padrão]. Esta distinção permite reconhecer duas grandes áreas dialetais no Rio Grande do Sul, nas chamadas Colônias Velhas⁶. A primeira área dialetal (MEYER, 2009) se refere à área colonizada pelos imigrantes pioneiros, antes de 1850, os quais apresentariam variantes do tipo *Deutsch*, ou seja, apresentariam traços mais dialetais e mais distantes do alemão-padrão, o *Hochdeutsch*. A segunda área dialetal, denominada de “área com variantes do tipo *Deutsch*” se refere à área de

⁶ Cidades colonizadas a partir de 1824, já as Colônias Novas foram colonizadas por alemães a partir de 1890.

colonização mais tardia, após 1850, a qual é caracterizada pelos traços de fala mais próximos à variedade padrão (MEYER, 2009). Estas áreas dialetais também ficam bem visíveis no mapa 01 sobre o nome das línguas de imigração alemã.

A origem histórica e geográfica dos imigrantes, além do acesso ao ensino da variedade mais padrão, influenciam diretamente nesta designação da variedade de fala como sendo *Deutsch* ou *Deitsch*. Estas diferenciações também são percebidas pelos informantes, como vemos nos quadros 01 e 02. Alguns informantes da geração mais jovem esclarecem durante a entrevista que já estudaram alemão-padrão (*Hochdeutsch*) em cursos ou na escola e que, por este motivo, preferem utilizar o nome *Deutsch*, quando questionados sobre sua língua.

Porém, o mapa 01 (cf. abaixo) apresenta apenas as respostas espontâneas, o nome utilizado de forma ativa ao se referir à sua língua. Como se pode observar, as variantes *Hunsrickisch*, *Hunsrick* e *Hunsbucklisch* ocorrem na maior parte da rede de pontos do ALMA-H, sobretudo na área de domínio do tipo *Deitsch*, nas Colônias Velhas, sendo uma exceção justamente nos pontos mais a leste dessa área original, que recebeu imigrantes depois de 1850. Por meio da migração até pontos mais distantes, no Paraguai e Mato Grosso, de descendentes da matriz de origem no Rio Grande do Sul, essas variantes se mantêm especialmente na geração mais velha (GII). A comparação com os jovens (GI) mostra, contudo, uma perda dessas formas, como atesta inclusive o gráfico, se compararmos os índices de ocorrência de CaGII e CbGII com CaGI e CbGI.

Mapa 01 – Denominação da língua brasileira de imigração: *Hunsrickisch*?

O mapa das respostas espontâneas à pergunta sobre o “nome da língua local” evidencia que, na área do tipo *Deutsch* [+standard], dos pontos RS12 ao RS15 (Venâncio Aires, Santa Cruz, Candelária e Agudo), predomina justamente a forma *Deutsch*, mais próxima do *standard*. No

⁷ Optamos em escrever *Hunsrickisch* com /i/ porque as vogais arredondadas /ö, ü, ä/ (pronunciadas respectivamente como /e, i, e/) não ocorrem na variedade da língua alemã falada no Brasil.

extremo oposto, porém, na área do tipo *Deitsch*, apesar da ocorrência espontânea também das formas *Hunsrickisch*, *Hunsrick* e *Hunsbucklisch*, é frequente o uso variável de *Deitsch* ou *Plattdeitsch*. O ponto RS10 (Colinas) fica em uma área de transição e em meio a diferentes contatos linguísticos (vestfalianos, boêmios e italianos), o que pode ser uma hipótese para a nomeação majoritária com a variante *Deutsch*.

O vestfaliano, língua brasileira de imigração alemã originária de base dialetal do baixo-alemão, da região da Westfália (próxima ao *Hunsrück*, na Alemanha) é conhecido pelo nome *westfälisches Plattdeutsch* ou *sapato-de-pau* (HORST, 2014, p. 28). Alguns informantes do Projeto ALMA não deixam esta diferenciação tão bem esclarecida, o que pode colocar o dado em dúvida. Outros nomeiam o vestfaliano de *Westfelisch* e as demais variedades dialetais de *Plattdeitsch*.

No entanto, o nome *Plattdeitsch*, *Plattdeutsch* ou ainda *Platt* se refere, na maioria das vezes, à língua alemã falada, ou seja, ao dialeto, de forma genérica e ampla. O mesmo acontece com o nome *Hunsbucklisch*, o qual se refere à variedade baixa ou dialetal, como vimos no quadro 02.

Nas Colônias Novas (norte do RS, SC, PR, Mato Grosso, Argentina e Paraguai) percebemos a predominância dos nomes *Deitsch* e *Plattdeitsch*. Nos pontos RS19 e RS23 (Panambi e Horizontina), tem-se preferencialmente o nome *Deutsch*. Estes são dois Pontos de Pesquisa onde predominam os informantes de confissão luterana e que possuem empresas alemãs, as quais exigem o ensino de alemão (*Hochdeutsch*) nas escolas.

Por fim, para ilustrar a problemática da nomeação da língua e da estigmatização, a questão de sentir vergonha para falar sua língua pelo fato de pensar que não a dominam, observemos o quadro 03 a seguir, que apresenta um excerto de entrevista com o grupo jovem CaGI.

Quadro 03 – Transliteração da pergunta AIII_11 do ALMA no ponto RS05.

RS05_CaGI_AIII_11 Entrevistador 1: E1 Informantes: I1 e I2 e I3	RS05_CaGI_AIII_11 Entrevistador 1: E1 Informantes: I1 e I2 e I3
[...] I2: Mea sinn awer do gelennt, net das ma gelennt is, awer ma heert immer, dass der Deitsch, wo mea spreche tere, das wea so qualquer Deitsch, es wea net so was Ooriches. [...] Alsmohl schemt ma sich ein bissche unn hot ma bang, es tet net richtig rauskomme. E1: Was fo Deitsch is das, wo dea sprecht? Wie nennt ma das? I1: Die soohn, das wea von dem Hunsrick. I2: Jah. [...] I2: Die Mama hot gesooht, “der Hochdeutsch unn der Plattdeutsch”. E1: Ahm, der Hochdeutsch, das is de anre? I3: Jah, das wea der richtige Deitsch. I2: Der wea meh scheen, scheen fo se lese unn schreiwe. E1: Findt dea das Platt, Hunsrickisch net scheen? I2: Jah, net weche‘m scheene oder eckliche, das is awer, wall ma’s so gelennt hot, das wea net der richtige. E1: Unn was mennst du devon? I3: Ich honn nie do dron richtig gedenkt. Ich weiss net, ob mein Deitsch richtig oder verkehrt is. [...]	[...] I2: Nós aprendemos isso, não que a gente aprende, mas a gente sempre ouve que o alemão que falamos seria um alemão qualquer, isso não seria algo importante. [...] Tem vezes que a gente se envergonha um pouco e tem medo de que (as palavras) não saiam direito. E1: Que tipo de alemão é este que vocês falam? Como se nomeia? I1: Falam que era do <i>Hunsrick</i>. I2: Sim. [...] I2: A mãe falou do <i>Hochdeutsch</i> (alemão padrão) e do <i>Plattdeutsch</i> (dialetto). E1: Ahm, o alemão padrão é o outro? I3: Sim, isso seria o alemão certo. I2: Este seria mais bonito, bonito pra ler e escrever. E1: Vocês não acham o dialeto (<i>Platt, Hunsrickisch</i>) bonito? I2: Ahm, não pelo mais bonito ou mais feio, mas é assim, porque aprendemos assim, de que isso não seria o mais correto. E1: E o que tu acha disso? I3: Eu nunca refleti direito sobre isso. Eu não sei se meu alemão é o certo ou o errado. [...]

Como se vê, a denominação de línguas associa-se a uma série de valorações e percepções sobre variantes da mesma língua (no caso, alemão). Não se trata, portanto, simplesmente de nomear uma língua; é preciso, sobretudo no terreno da educação e das políticas linguísticas, ter consciência das implicações das diferentes denominações e do que significam para a compreensão do plurilinguismo e do desenvolvimento de uma “consciência plurilíngue” (cf. ALTENHOFEN & BROCH, 2011). Para tanto, não apenas as escolas devem atentar para a importância do plurilinguismo (da “consciência de ser plural”), mas também os falantes de maneira geral.

A denominação *Hunsrückisch*, para a qual se inicia um Inventário (projeto em conjunto entre IPOL⁸ e ALMA-H), conforme mostram os dados analisados a partir do corpus do ALMA-H, configura uma

⁸ Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística.

denominação *in vivo* ainda presente. Para a sua identificação, contudo, é preciso ter em mente outras variantes coocorrentes, bem como considerar aspectos como a origem dos imigrantes. Para um trabalho de conscientização linguística, o olhar e compreensão sobre a variação linguística, de que todas as línguas variam, é fundamental, quando se pretende (re)inserir a importância da língua de imigração, o *Hunsrückisch*, nas comunidades.

Considerações finais

Nossa análise sobre a denominação do *Hunsrückisch* mostra, de um lado, uma grande variação de formas, porém com uma difusão da variante *Hunsrückisch* que ainda justifica e legitima seu uso como denominação *in vivo* dessa língua de imigração. Por outro lado, os dados evidenciam, no tocante à percepção e às atitudes dos falantes uma série de implicações para uma educação plurilinguística (Broch, 2014) que atestam a relevância de “ouvir e documentar a voz das comunidades de falantes” sobre como denomina ou percebe sua língua. Observamos que há fatores ideológicos diversos envolvidos, ou seja, o nome dado à língua vai depender da função desta língua para cada indivíduo. Trata-se de questões comuns no debate sobre línguas na sociedade. Elas aparecem inclusive, embora de modo diferente, quando se debate o nome da língua falada no Brasil, o português (ou o “brasileiro”).

Na Argentina e no Paraguai, temos praticamente as mesmas formas de nomear a língua. Os informantes se referem ao espanhol nomeando-o de *Castelhooner* ou *Spanisch* em sua língua de imigração, e “castelhano” ou “portunhol” quando se comunicam em português. A valoração das línguas mais prestigiadas em relação às que possuem um *status* menor também acaba refletindo na nomeação de línguas. Neste caso, temos como exemplo o portunhol, visto como uma “mistura de línguas” da fronteira.

Para o *Hunsrückisch*, encontramos nomeações que se referem a um grupo específico, associado a uma origem geográfica, por exemplo, *Hunsrückisch* (do *Hunsrück*) ou *vestfaliano* (da Westfália), ou então formas genéricas relacionadas à língua-teto, como *Deutsch* ou *Deitsch*, equivalentes ao alemão (para o brasileiro), ou ainda, por fim, formas que refletem sua posição social em relação à norma, neste caso *Plattdeutsch* ou *Platt*. Como se vê, depende do ponto de vista tanto do falante quanto do outro, representado pelo brasileiro não pertencente à comunidade de fala da língua de imigração alemã.

O ponto de vista dos falantes é também determinante no reconhecimento da norma. No caso da língua alemã padrão, o *Hochdeutsch*, temos denominações que se referem à escrita e ao papel da escola (*alemão gramatical*), mas também às valorações como “língua mais correta ou bonita” (*fein Deutsch*), pelo seu prestígio nas escolas. Assim, para o que não compartilha marcas do padrão, surgem ocorrências que representam a língua de forma negativa ou depreciativa. Estas, na verdade, reproduzem características sociais dos falantes e de sua posição na comunidade, principalmente nas classes mais baixas (Cb), mais do que apresentar uma explicação inerente à estrutura da língua. Em suma, línguas refletem a identidade e a posição social dos falantes. Intrinsecamente, cada língua é, ao seu modo, um conhecimento e um produto da história de uma sociedade.

Referências

AKIN, Salih. Comment ne pas nommer une langue? Le cas du kurde dans le discours juridique turc. **Babylonia**, n. 1, 2004, p.23-25. Disponível em: <<http://lidifra.free.fr/files/Comment%20ne%20pas%20nommer%20une%20langue.pdf>> Acesso em: 30 jan. 2017.

ALTENHOFEN, Cléo V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

_____. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013a, p. 93-116.

_____. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. In: **Revista de Letras**, Sinop, n. 12, v. 6, 2013b. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

ALTENHOFEN, Cléo V.; BROCH, Ingrid K. Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness). In: BEHARES, Luis (org.). **V ENCUENTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS**. Montevideo: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo / Núcleo Educación para la Integración, 2011, p. 15-22.

ALTENHOFEN, Cléo V. et al. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. **Revista Contingentia**, v. 2, 2007, p. 73-87. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/contingentia/article/download/3867/2166>. Acesso em: 5 fev. 2017.

BERRUTO, Gaetano. Identifying dimensions of linguistic variation in a language space. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, v. 1, 2010, p. 226-241.

BROCH, Ingrid Kuchenbecker. **Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares**. 2014, 268 f. Tese (Doutorado em Linguística). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/102190>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

COSERIU, Eugenio. Sentido y tareas de la dialectología. **México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas. Cuadernos de Linguística**, vol. 8, 1982.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. In: **Word**, New York, n. 15(2), 1959, p. 325-340.

GARDÈS-MADRAY, Françoise; BRÈS, Jacques. Conflitos de nomeação em situação diglósica. P. 155 – 173. In: **Multilingüismo**. G. VERMES e J. BOUTET (orgs.). Campinas: Ed. Da Unicamp, 1989.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. 2014, 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102193/000921516.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

MEYER, Martina. **Deutsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch Rio-Grandense em contato com o português**. 2009, 46f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de; ALTENHOFEN, Cléo V. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilingüismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 187-216.

ORLANDI, Eni P. **Língua e conhecimento linguístico**. São Paulo: Cortez, 2002.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21: 1995: Palermo). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, v. 5, 1998, p. 701-729.

Recebido em: 11 de feb. de 2017.

Aceito em: 15 de jul. de 2017.